

Bicentenário da Conquista do Forte São Martinho no Rio Grande do Sul

Ten Cel Eng QEMA
CLAUDIO MOREIRA BENTO

Faz 200 anos, cerca de 2/3 partes do atual território do Rio Grande do Sul, estavam em poder dos espanhóis. Isto, conseqüência das invasões empreendidas, a partir de Buenos Aires, em 1763 e 1773, respectivamente, pelos governadores daquela praça, generais D. Pedro Ceballos e Vertiz y Salcedo. A contra-ofensiva luso-brasileira, para a retomada do território rio-grandense ocupado, teve início com a conquista e arrasamento do Forte São Martinho, em 31 de outubro de 1775, próximo da atual cidade de Santa Maria. Comandou o ataque de conquista "a intrépida e legendária espada continentina" — Major Rafael Pinto Bandeira. Após ele seria o primeiro filho do Rio Grande do Sul a governá-lo, da Vila de Rio Grande e de sua estância do Pavão, em Pelotas atual. Deste local por cerca de 18 anos, Rafael exerceu o comando da Fronteira do Rio Grande, cuja área de jurisdição, coincide em princípio, com a da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada sediada em Pelotas. Por esta razão, historicamente, pode ser considerado o fundador e primeiro comandante dessa Grande Unidade de nosso Exército.

Situação militar do Rio Grande do Sul em 1775

Os luso-brasileiros, após ingentes esforços, concentraram no Rio Grande do Sul uma poderosa força de 6.717 homens. Dita força, denominada *Exército do Sul*, era constituída, na maior parte, de tropas enviadas de Portugal, Rio

de Janeiro, de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina. Do Rio Grande computava-se, basicamente, o Regimento de Dragões de Rio Pardo e um punhado de bravos milicianos rio-grandenses. O *Exército do Sul* cuja concentração no RGS teve início em 1774, articulou-se nos seguintes locais: São José do Norte, Porto Alegre e Rio Pardo e, em diversos pontos entre os dois últimos locais, junto ao Jacuí, o grosso do Exército estacionou em barracas de palha em São José do Norte, ao comando do Tenente-Coronel João Henrique Eöhn, representantes do Conde de Lippe no Brasil, para reformas contratadas por Portugal em nosso Exército Colonial e a mais alta patente militar na Colônia. Em Rio Pardo estacionou mais de um milhar de homens ao comando do Governador do Rio Grande — Brigadeiro José Marcelino de Figueiredo, já consagrado herói na luta contra os espanhóis. Na Campanha, com suas bases de guerrilhas nas serras dos Tapes (Município de Canguçu atual) e do Herval (Município de Encruzilhada atual), atuavam forças de guerrilhas. Constituídas de estancieiros e sua gente estabelecidos nessas áreas antes da invasão espanhola de 1763, eram enquadradas por alguns oficiais dos Dragões de Rio Pardo. No espaço compreendido entre o rio Camaquã ao N, rio Negro ao W e parte da Lagoa dos Patos, Canal São Gonçalo e Lagoa Mirim a E, sem limites para o Sul, atuavam as guerrilhas com bases no município de Canguçu atual, ao comando de Rafael Pinto Bandeira.

Ditas guerrilhas tinham as seguintes missões:

- Buscar informações militares para o *Exército do Sul* em Rio Grande e Rio Pardo, sobre os movimentos e intenções inimigas, até as imediações de Colônia do Sacramento, Montevidéu e Maldonado.
- Vigiar os principais passos do Canal São Gonçalo e dos rios Camaquã, Jacuí e Piratini, para prevenir um ataque inimigo sobre Rio Pardo, proveniente das seguintes direções: Vila de Rio Grande, Forte de Santa

Tecla e Forte de São Martinho, bases militares espanholas no território rio-grandense ocupado.

- Levar a efeito *arreadas*, para retirar dos tradicionais caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, gado vacum e cavalos selvagens ou *chimarrões*, passíveis de serem usados pelo invasor para alimentação e transporte de seu Exército. Ditas arreadas, operação tipicamente militar oficial, visavam também, desestimular o estabelecimento de estancieiros espanhóis no território rio-grandense ocupado, bem como hostilizar, de variadas formas, as estâncias e patrulhas espanholas em território inimigo. O produto das arreadas era dividido entre a tropa que a realizava e o Governo Português.

Os espanhóis possuíam contingentes militares na Vila de Rio Grande, no Forte de Santa Tecla (próximo a Bagé atual), no Forte São Martinho e junto ao canal São Gonçalo, defronte Pelotas atual. O Forte de São Martinho constituía séria ameaça de flanco ao Forte de Rio Pardo, como base de partida e apoio para uma invasão proveniente das Missões.

O Forte de São Martinho

O acesso luso-brasileiro ao Forte de São Martinho dependia de uma longa picada em aclave e serpenteante, aberta na mata densa e que não permitia o desdobramento de uma força atacante além de duas celunas a pé. Após a travessia da mata densa, a picada desembocava num campestre. Neste local os espanhóis erigiram São Martinho e uma bateria isolada artilhada com um pequeno canhão, colocada de molde a cruzar fogos com os do forte, sobre qualquer força atacante que desembocasse no campestre. Distante uma légua do forte, em ponto obrigatório de passagem na picada, existia uma guarda avançada com comandamento de vistas e fogos sobre grande extensão da picada para o sul. O judicioso aproveita-

mento militar do terreno pelos espanhóis, tornava suicida qualquer operação militar luso-brasileira que tentasse investir São Martinho frontalmente. O nome Santa Maria da Boca do Monte deve-se à entrada dessa picada na mata. Monte, em espanhol, significa mato e não uma elevação. Portanto, seria mais certo dizer-se — Santa Maria da Boca do Mato.

Abordagem pela retaguarda

Consciente da impossibilidade de um ataque frontal, Pinto Bandeira decidiu pela abertura de uma extensa picada na mata que conduzisse suas tropas à retaguarda vulnerável do inimigo. Encarregou dessa difícilíssima missão, um alferes, um sargento e seis soldados consumados mateiros. De 23 a 31 de outubro, eles cumpriram a árdua missão, sem serem sentidos pelo inimigo.

Ataque de surpresa

Na madrugada de 31 de dezembro de 1775, a força de Rafael Pinto Bandeira irrompeu na retaguarda de São Martinho, surpreendendo sua guarnição em profundo e pesado sono, somente interrompido pelos gritos de guerra dos 205 atacantes.

Apesar da surpresa, o tenente Manoel Alvarez, comandante do forte, liderou uma reação à bala, durante 15 minutos. Após, rendeu-se junto com 19 dragões e 21 índios. Na confusão, mais de 100 índios conseguiram fugir, embrenhando-se na mata circundante.

Presas de guerra após o ataque

Dentre as presas de guerra efetuadas no ataque e enviadas para Rio Pardo destacam-se: Armamento — 40 espín-

gardas, 19 pistolas, 6 canhões pequenos, 1 morteiro, 39 lanças e 30 cartucheiras; Gado — 6.000 vacuns, 1.100 cavalos, 250 bois mansos, 200 éguas chucras e 150 mulas mansas.

Participantes da operação

Sob o comando de Rafael Pinto Bandeira, escolhido pelo Governador Marcelino de Figueiredo como o único oficial capaz de recorrer toda a campanha do Rio Grande, “com uma cuia de mate e uma ou duas malas de garupa”, participaram da operação São Martinho — as seguintes tropas:

— 150 guerrilheiros rio-grandenses vindos de suas bases de guerrilhas nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul.

— 50 homens da recém-criada Companhia de Granadeiros do Regimento de Dragões de Rio Pardo. Entre estes, o então sargento Félix Pereira da Costa, já pai, fazia um ano e cinco meses, do agora considerado — “O gaúcho fundador da Imprensa Brasileira”, por haver editado em Londres (1808-22), o *Correio Braziliense*, de tão marcante influência na preparação da Independência do Brasil.

Rafael, instrumento de dilatação do Império

Após esta vitória, coube a Rafael comandar a conquista e arrasamento do Forte de Santa Tecla, em 27 de março de 1776. Esta operação, junto com a reconquista da Vila de Rio Grande, 5 dias após, em 1.º de abril de 1776, selaram a reconquista e expulsão definitivas dos espanhóis do Rio Grande do Sul, cujo bicentenário comemora-se no ano próximo. Esta efeméride merece ser evocada e festejada, com especial relevo e com amplitude nacional, pelo Povo e Governo do Rio Grande do Sul, em razão de seu alto significado militar e geopolítico — definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul, após

acirrada disputa militar e diplomática entre Portugal e Espanha que se durou mais de 30 anos.

Os restos mortais do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira repousam numa urna exposta à visitação pública na Igreja de São Pedro em Rio Grande, construída em 1756, pelo Exército de Demarcação, segundo projeto do Coronel Fernandes Pinto Alpcym, também projetista dos Arcos de Santa Tereza, no Rio. Por uma estranha e feliz coincidência, o guerreiro Rafael e o templo que abriga seus restos mortais foram dois dos mais poderosos instrumentos no Sul, da política portuguesa — *Dilatar a Fé Católica e o Império Português*, tão presente e viva nos *Luziadas* de Camões — o imortal poeta e soldado.

Julga-se um homem capaz de grandes coisas, pela atenção que presta às pequenas.

Considera tua honra como alguma coisa de mais peso que um juramento. Nunca mintas.

SOLON